

ANA DURÃO MACHADO

Antropóloga

1. O estudo antropológico de um grupo coral alentejano no Feijó

O salão do Clube Recreativo do Feijó estava cheio de gente, sentindo-se um ambiente acolhedor de convívio e animação entre os alentejanos. Muitos não se veriam, talvez, há algum tempo, fruto das contradições da vida que os levava a migrar e a instalar-se no concelho de Almada, aproveitando agora estes pretextos sociais, para matar as saudades e actualizar as novidades da terra natal.

Fitas coloridas, em vermelho e verde enfeitavam as paredes, expressando sentimentos de pertença e de celebração de uma terra mítica, o Alentejo: “A cantar também se luta!”, “Alentejo, um povo, uma cultura, uma região!”, “Em prol da cultura do Alentejo!”.

À entrada do clube juntavam-se grupos corais vindos de várias partes do Alentejo, da Margem Sul e dos arredores de Lisboa, convidados para actuar na festa de aniversário do grupo anfitrião. Vinham vestidos a rigor, num caleidoscópio de cor, que despertava os sentidos, com os seus chapéus pretos, os lenços axadrezados, as botas de cano alto, os cajados, os alforges, entre outros acessórios. Enquanto afinavam as vozes, combinavam-se os últimos pormenores para o espectáculo que se seguiria.

Tratava-se do 13º aniversário do Grupo Coral Etnográfico Amigos do Alentejo do Clube Recreativo do Feijó. Foi nesse dia, em Março de 1999, que a convite de um amigo me desloquei ao Feijó e conheci os *Amigos do Alentejo*. Recordo-me que nessa altura, o meu interesse pelas questões ligadas ao cante coral alentejano se intensificara, em virtude de pretender desenvolver essa temática na tese de Mestrado, que me encontrava a delinear, embora o pretendesse estudar numa região do Alentejo. Mas, o facto de ter ido naquele dia ouvir o cante no Feijó, revelou-se uma surpreendente coincidência, tendo modificado o trajecto metodológico já delineado.

Posteriormente estabeleci contacto com o grupo, nomeadamente com o Sr. Afonso, o Sr. Pereira e o Sr. Ramos, membros do mesmo, e através de entrevistas e de conversas informais, fui tomando conhecimento das origens do grupo, das suas peculiaridades e

características. Nessa altura, tornou-se evidente a importância que representava um estudo antropológico sobre o cante fora do Alentejo, numa freguesia do concelho de Almada. No Feijó eram notáveis os fenómenos da mudança e de recomposição identitária, que demonstravam que o cante era capaz de se adaptar e transformar face à complexidade dos fluxos migratórios.

Face ao interesse que este terreno antropológico me suscitou, abandonei a ideia de ir para o Alentejo estudar outros grupos corais, (na altura ainda não estava decidido onde iria realizar a pesquisa) e fixei-me no Laranjeiro, próxima do C.R.F., onde permaneci alguns meses junto do grupo coral, elaborando um trabalho de observação participante e análise etnográfica.

Comecei a delinear uma investigação centrada no conceito da identidade do alentejano migrante, questionando o modo como o sentimento da *alentejanidade* era vivido no Concelho de Almada, através do cante. Por outro lado, sentia curiosidade em perceber como um grupo coral Alentejano, situado na cintura industrial de Lisboa, conseguia compatibilizar a diversidade regional dos seus elementos, em proveito de um colectivo. Como é sabido, o cante alentejano distingue-se consoante algumas terras do Alentejo¹, sendo importantes os pormenores performativos, como os requebres que lhe são dados, as entoações, os sotaques, a cadência, entre outros, existindo mesmo uma certa disputa e rivalidade entre terras em relação aos melhores cantadores. Ora aqui, neste território migrante, toda essa diversidade se dissipa conjugando-se em torno de uma partilha de vozes, que se moldam conforme a influência regional dos membros que compõem o grupo. O grupo do Feijó, como possivelmente outros grupos, em iguais circunstâncias, como os da Amadora, Paio Pires, Baixa da Banheira, Palmela, Barreiro, entre outros, possui assim, uma especificidade muito própria. Nessa perspectiva, um dos enfoques da minha pesquisa consistiu em compreender como se conjugam num só grupo, uma sonoridade particular, quando estão presentes elementos tão heterogéneos, com diferentes sotaques e formas de cantar, e com concepções de cante, por vezes, pouco coincidentes.

¹ Segundo a tradição o cante alentejano distingue-se entre a margem esquerda do Guadiana e a margem direita do mesmo rio. Na primeira, o cante costuma ser mais alegre e ritmado, enquanto que na segunda o canto é mais grave, solene e rezado.

2. O cante Alentejano no Feijó

Antes de introduzir alguns dos aspectos que caracterizaram o trabalho que desenvolvi com o grupo coral alentejano do Feijó, gostaria de fazer a contextualização do cante nesta freguesia do concelho de Almada, de modo a conhecer-se a origem desta sonoridade no local.

O Cante Alentejano terá chegado ao Feijó, em meados dos anos 1950s, 1960s, quando começaram a afluir a este lugar muitos alentejanos, atraídos pela perspectiva de habitação com rendas acessíveis, e pela proximidade aos postos de trabalho, existindo muitos alentejanos a laborar no Arsenal do Alfeite, na Lisnave e noutras indústrias situadas nos arredores. O impacto desta população migrante foi tal na freguesia, que em poucos anos ela conheceu um novo sotaque, outros hábitos e costumes, convertendo-se numa autêntica *colónia* alentejana, com redes sociais muito intensas, baseadas em laços de família e conterraneidade.

Nos tempos livres, o homem alentejano, à imagem e semelhança do que praticava no Alentejo, procurava pontos estratégicos de convívio, procurando o encontro com outros conterrâneos. As colectividades, como as associações recreativas e os clubes, terão desempenhado um papel importante nesse sentido, promovendo a sua participação e a inter-relação social. No entanto, era nas tabernas e nos pequenos “tascos” do Feijó, lugares consagrados aos homens, que as relações de camaradagem se intensificavam, onde não havia normas nem regras a cumprir, comportamentos considerados inadequados ou desviantes. Nesses lugares recriou-se um ambiente tipicamente alentejano, influenciado em muitos casos pelos próprios proprietários desses estabelecimentos, frequentemente também alentejanos. Esses, eram os seus verdadeiros “refúgios”, onde entre um copo de vinho e uma fatia de pão com queijo, ou chouriço, entre outras iguarias e pitéus, se juntavam as vozes e os sotaques, se entoava o cante sentido, nostálgico e saudoso, evocando a terra deixada.

Este cante espontâneo começou a ser difundido pelo Feijó em encontros esporádicos ou sistemáticos de grupos informais, sendo presença confirmada em convívios regionais. Segundo o Sr. José Ramos, ensaiador do grupo coral do Feijó, antes deste ser institucionalizado o ambiente na freguesia era propício ao cante. “ Nós frequentávamos algumas casas aqui no Feijó, onde havia um ambiente alentejano. Havia um restaurante aqui, que era o *Romão* e as pessoas juntavam-se ali, bebiam os seus copos, cantavam as suas

cantigas, e digamos que era um refúgio onde as pessoas se juntavam, principalmente aos fins-de-semana (...)”.

A criação do *Grupo Coral Amigos do Alentejo* surgiu apenas nos anos 1980s, a 21 de Março de 1986. Segundo alguns membros fundadores do grupo, este teve origem num outro grupo coral, chamado *Os Amigos da Serra de Serpa*, formado por vários elementos de terras próximas de Serpa, na ocasião de um piquenique de convívio anual. Apesar do intento, esse coral nunca teve vida própria, nem contornos oficiais, surgindo apenas em encontros esporádicos. Este grupo de cantadores acabou por se dissolver com a formação dos *Amigos do Alentejo*.

Nessa altura, os impulsionadores do coral enviaram cartas aos melhores cantadores do Feijó e arredores, segundo conta o Sr. Domingos Reganha, um dos fundadores. Após várias diligências o grupo foi formado com 14 elementos. Mais tarde, com a fama que ganhou na região, o grupo chegou a possuir 36 membros. No início do seu percurso artístico como não tinham sede, nem lugar para ensaiar as modas, foi nomeada uma comissão que se reuniu com o Clube Recreativo do Feijó, com o objectivo de se filiarem no clube e oficializarem a criação do grupo.

A formação deste coral no Concelho de Almada, enquadrou-se numa conjuntura política e cultural pós Abril, que defendia com fervor a promoção dos valores populares e da música popular portuguesa, e a revivificação das bandas filarmónicas, ranchos folclóricos e coros tradicionais, o que durou até à segunda metade da década de oitenta. Data dessa época a formação de outros corais alentejanos, na periferia de Lisboa, sobretudo nos concelhos do Barreiro, do Seixal de Setúbal, de Loures e Oeiras. Em 1982, este fenómeno era de tal modo evidente em toda a Cintura Industrial, que Colaço Guerreiro, alertava para a importância que esses grupos, criados fora e dentro do Alentejo, desempenhavam na preservação do património cultural.

“ Cá e lá, ou onde quer que existam, os grupos corais representam, como nada mais, a veracidade do nosso ser, e ilustram de forma ímpar o virtuosismo do nosso povo.”²

² GUERREIRO, Colaço (1982) Revista Alentejana, Dezembro.

3. A caracterização do grupo coral Amigos do Alentejo

O grupo coral do Feijó, tal como é comum em grupos corais localizados fora do seu território original, apresenta uma importante diversidade regional, incluindo indivíduos de várias terras do Alentejo, incluindo do Baixo e do Alto Alentejo e da orla litoral.

Em 1997, segundo os dados recolhidos por José Pereira³, os *Amigos do Alentejo* contavam com 29 elementos, os quais representavam 15 localidades diferentes (20 indivíduos do Baixo Alentejo, 6 do Alto Alentejo, 1 do Alentejo Litoral, e 2 jovens já nascidos no Concelho de Almada). Neste conjunto salientava-se uma percentagem significativa de membros pertencentes aos concelhos de Serpa e Barrancos, com uma predominância de elementos, de um modo geral, da Margem Esquerda do Guadiana.

Em 2000, à data da minha investigação no terreno, o grupo contava com cerca de 28 elementos, embora quatro se encontrassem na altura, afastados por motivos de doença, ou deslocados por motivos profissionais. Nesse conjunto estavam representadas 13 terras do Alentejo (19 indivíduos do Baixo Alentejo, 3 do Alto Alentejo, 1 do Alentejo Litoral). Dentro destas proveniências salientava-se ainda os elementos pertencentes aos concelhos de Serpa, Barrancos e Moura.

Apesar de algumas saídas e entradas de participantes, devido a deslocações dos seus membros para outras paragens, falecimentos ou mesmo por motivos pessoais, regista-se ao longo dos seus 20 anos de existência, que o grupo tem conservado um número estável de elementos, que se situa entre os 27 e os 28 homens, embora como já foi referido, tenham chegado a ter 36 elementos. São sobretudo, os do Baixo Alentejo, nos quais se incluem os provenientes do concelho de Serpa e das regiões raianas, da Margem Esquerda do Guadiana, que se mantêm firmes dentro do grupo e lhes assegura uma certa continuidade. O mesmo não se pode afirmar dos representantes do Alto Alentejo, ou da orla litoral, que têm pouca visibilidade no seio do grupo.

A média de idades que estes homens apresentam, aproxima-se da faixa etária dos 56-60 anos, e dos 46-50 anos, correspondendo ao principal grupo migrante que chegou ao

³ Cf. PEREIRA, José (1997) *Corais Alentejanos* – Lisboa, Edições Margem

Concelho de Almada em 1950s, 1960s. Trata-se de um grupo composto por idades entre os 60 e os 70 anos.

No que diz respeito à residência dos elementos do coral, pode dizer-se que a sua área de influência se tem expandido, uma vez que a constituição original era oriunda sobretudo do Feijó e do Laranjeiro e actualmente abrange outras localidades do concelho de Almada e também do Seixal (Corroios, Miratejo, Paivas, ou Cruz de Pau). Esta situação explica-se pela existência de redes sociais de inter-conhecimento entre os alentejanos residentes nestas proximidades, acabando por ser trazidos por familiares, amigos, colegas de profissão ou conterrâneos.

4. O trabalho de campo no Feijó

Ao longo dos quase seis meses que estive em permanência a residir no Laranjeiro e a acompanhar o *Grupo Coral e Etnográfico Amigos do Alentejo do Clube Recreativo do Feijó*, assisti a muitos momentos festivos, a alguns ensaios, a acontecimentos da vida quotidiana, como casamentos e funerais, e fui reflectindo de uma forma diferente sobre a vivência destes alentejanos.

Com a estadia no terreno pretendi, assim, desvendar os pormenores que não são perceptíveis em cima de um palco, onde a imagem concertada da performance ilude todo um trabalho de bastidores, que não se vê e não se percebe. Talvez por isso, e apesar de ter considerado importantes os espectáculos de cante, os encontros de corais, os desfiles, procurei estar mais atenta, a tudo o que se passava fora do domínio público, de forma a perceber como se constrói e molda um grupo, tendo como referência uma identidade regional, quando no seu interior predomina uma certa heterogeneidade de proveniências.

Nesse sentido, considero que os ensaios do grupo constituíram os momentos mais ricos em termos etnográficos, para o conhecimento do mesmo, não só por existir um ambiente mais descontraído e mais propício ao convívio, mas por ser aí, onde o grupo se define, se desenvolve e se confronta, onde se tomam as grandes decisões referentes ao repertório e ao modo como se canta, e se discutem os problemas internos do grupo. Nessas ocasiões, tive a oportunidade de assistir ao modo como se harmonizam as vozes e as modas, segundo a apreciação e o critério do ensaiador, o que nem sempre é consensual com o grupo, visto existirem muitas versões do cante, consoante as terras do Alentejo. Por outro

lado, essa harmonização das vozes não é possível sem correcções, sem críticas, o que pode gerar melindres e tensões, para quem não tolera bem esses ajustes.

Do mesmo modo, constatei durante os ensaios, que reunir homens de terras diferentes num grupo coral, tem outras implicações que ultrapassam a sonoridade e a forma como se canta em conjunto, abrangendo também os aspectos ligados aos valores e tradições de cada localidade. Essa realidade tornou-se evidente num dos ensaios em que se cantou a moda “Sai- el- Touro”⁴. Essa moda, cantada na região de Monsaraz, defendia a vida de um touro na arena. Numa altura, em que as festas de Barrancos e a morte do touro eram o assunto polémico da ordem do dia, os elementos de Barrancos presentes no grupo contestaram a moda pelo seu teor ideológico, não se sentindo à vontade com a sua possível apresentação em palco. Por não existir consenso entre o grupo a moda não foi integrada no repertório do mesmo.

Outra das dificuldades com que o grupo se depara por vezes relaciona-se com o desajustamento de opiniões e com o choque de diferentes personalidades dentro do mesmo, o que torna as relações sociais por vezes difíceis e tensas. Sentimentos, como o orgulho, a honra e a vergonha, têm levado ao afastamento de alguns elementos, apenas porque em determinados momentos não cederam perante o colectivo.

No entanto, apesar de poderem surgir alguns conflitos entre estes homens, a noção do colectivo é um dos principais estandartes do grupo, o que lhe tem dado sustentabilidade ao longo do tempo e feito dele um ícone do cante em Almada.

Durante o período em que me encontrei no terreno acompanhei também o grupo em diversas actuações e saídas ao Alentejo, convivi mais de perto com as suas famílias, em especial com as mulheres e tive acesso a um outro mundo, ao feminino.

Com elas conheci um outro lado da vivência do cante e do grupo coral, o mais desconhecido e oculto de todos. As mulheres apesar de não participarem activamente neste

⁴ A transcrição dos principais versos é a seguinte:

“Sai el- Touro

Da praça de Monsaraz,

Não no piquem,

Não no matem,

Deixem-no viver em paz. “

tipo de performance, reúnem-se e convivem, frequentemente, através das actividades desenvolvidas pelo grupo coral, desempenhando um papel importante na estrutura familiar do grupo. São elas que tratam e cuidam dos trajes etnográficos dos maridos com especial apreço, que contribuem para a montagem e preparação de certas actividades do coral, que os apoiam e incentivam. Neste sentido, o *Grupo Coral Amigos do Alentejo* para além de alicerçar uma sociabilidade masculina é também um catalizador do encontro feminino. São momentos geralmente animados e festivos.

Através da minha inserção no grupo constatei que o cante tem duas vertentes: uma mais performativa, para o público em geral, aquele que é cantado em cima de um palco, de forma harmónica e alinhada; e outra mais espontânea, o cante que surge depois da actuação, mais vivido pelos seus participantes. Nessas ocasiões, cada um dá o seu melhor, em toadas improvisadas, onde o sentimento e o gosto de cantar são os aspectos mais importantes, por isso não importa se o cante é desafinado ou desconcertado. Acompanhados de um copo de vinho tinto para aquecer as gargantas, de um petisco, ou mesmo depois da refeição (geralmente oferecida pelo grupo anfitrião do evento) os homens dispõem-se em redor uns dos outros, cantando à desgarrada até quase a voz não ter expressão. Esse outro lado do cante alentejano é talvez o mais genuíno e o original, aquele que estes homens aprenderam nas tabernas com os mais velhos nas suas terras natais. É um cante mais solidário do que o performativo visto nos palcos, pois qualquer um pode tentar os tons que habitualmente não faz num espectáculo, sem as censuras do ensaiador, os reparos e correcções dos colegas. Canta-se por prazer, sucedendo-se as modas, de acordo com as preferências de cada um.

5. O Alentejo vivido no Feijó

“ Só quando se está longe é que começamos a dar valor a pequenas coisas. Dou muito mais valor à cultura popular alentejana e sinto-a muito mais agora, do que quando vivia no Alentejo” (Sr. Alho, antigo membro do grupo coral)

Esta citação reforça a ideia que os mecanismos de exaltação das tradições neste tipo de realidade, assentes num sentimento de nostalgia e de saudade e em fundamentos românticos, alicerçam uma memória colectiva, reanimada através de práticas e cerimónias rituais.

Um dos maiores dinamizadores e promotores da cultura alentejana, nesta região tem sido assim o grupo coral do Feijó, que conferiu uma nova roupagem a algumas tradições locais, como a Festa de Nossa Senhora da Piedade, em Setembro, as Janeiras, o 25 de Abril, entre outras. Também tem sido promotor de novas tradições e festividades, assinalando em Março, o seu aniversário, na sede do Clube Recreativo do Feijó, com um grande espectáculo de cante e de variedades regionais, assim como tem desenvolvido, desde há vários anos, actividades culturais em Junho, onde se destaca o encontro de corais e o desfile dos mesmos pelas ruas do Feijó.

Estas novas tradições, não tendo uma existência anterior na localidade, ou pelo menos com uma expressão tão vincadamente alentejana, tornaram-se já uma referência obrigatória, integrando o calendário ritual e festivo do espaço suburbano onde vivem.

Nessa perspectiva, não é de estranhar ver as ruas do Feijó, em dias de festa ou de desfile, repletas de homens trajados etnograficamente, em tons garridos e atractivos, recordando personagens rurais típicas do antigamente, como os pastores, ceifeiros, almocreves ou feitores, vindos de um Alentejo rural e longínquo, cantando modas passadas, invadindo de cor a paisagem marcada pelo betão. Nessas alturas, diria, que este território, que não é alentejano, é como se fosse recriado à escala e semelhança de um Alentejo imaginado e idealizado, ganhando o cante, a força de uma resistência, de uma preservação cultural, servindo como um ritual renovado que permite o diálogo entre um tempo passado e o actual. O entusiasmo da audiência é visível, atraindo conterrâneos de toda a região de Almada e arredores. Nesses dias vive-se o Alentejo de uma forma mais intensa e visível.

Este fenómeno cultural de particular interesse trouxe assim uma nova dinâmica ao cante, acentuando, por um lado, uma continuidade com o passado e com a tradição, e por outro lado, uma maior criatividade, no sentido em que há um reajustamento entre a memória do cante que se viveu no Alentejo e a realidade que se vive no contexto de residência actual, resultando dessa tessitura, uma abordagem inovadora desta sonoridade alentejana.

Nesta medida, o cante desterritorializou-se e ganhou a consistência que conhecemos hoje em toda a Margem Sul, sendo mais do que uma musicalidade do sul, do que um elemento performativo, assumindo-se como uma estratégia identitária, um mote reivindicativo de uma região, um discurso e uma prática emblematizada.

Ao completar 20 anos, em Março de 2006, o *Grupo Coral Etnográfico Amigos do Alentejo do Clube Recreativo do Feijó* demonstra que esse espírito de congregação se

mantém, revelando tenacidade, resistência, coesão e persistência, na reafirmação das suas pertenças ao Alentejo.

Resta saber por mais quanto tempo se continuará a ouvir cantar à alentejana por esse Feijó e por todos os lugares da cintura industrial de Lisboa, onde existem grupos corais, uma vez que estes estão a ficar cada vez mais envelhecidos, não havendo passagem de testemunho às gerações mais novas, que não encaram com entusiasmo esta herança cultural. No entanto, como diz o poeta e antropólogo Luís Maçarico, “enquanto houver alentejanos, a sua alma não ficará calada...”.⁵, por conseguinte, enquanto viverem em Almada, esta não deixará de se ouvir...

⁵ MAÇARICO, Luís (2000) “ O Alentejo, o Cante e os seus Poetas” in: *Arquivo de Beja*, vol. XIII, Série III, Beja, p.15